

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA I

Felipe Júlio Soares

Felipe386123@gmail.com¹

Resumo

A construção de conhecimentos geográficos no ambiente escolar perpassa muitos desafios no modelo educacional da atualidade, e sua importância se mostra presente no crescimento da produção científica voltados a temática. O presente trabalho, busca relatar e discutir as experiências decorrentes do Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I, na escola de ensino fundamental José Estanislau Façanha, em Fortaleza-CE. Esse estudo se baseia nas observações realizadas no espaço escolar e nas comunidades próximas, sobre o contexto social; as práticas culturais, desenvolvidas por protagonistas comunitários; o processo de ensino e aprendizagem; e metodologias espaciais de educação, que chamam a atenção para a ação do estágio e principalmente do estagiário, enquanto sujeito modificador de aspectos da realidade escolar. Na análise pretendida, buscou-se compreender como a escola discute com seu entorno, temas recorrentes e ligados a realidade social local. Por meio de questionários, entrevistas, atividades interdisciplinares, e participações em sala de aula, a vivência no estágio e a compreensão acerca desses fenômenos foi significativa e proveitosa. Através dessa pesquisa, percebeu-se que a escola possui muitas atividades voltadas as culturas de pertencimento, principalmente para que os estudantes compreendam sua realidade social, evidenciando assim, metodologias de trabalho diversas e que agregam no espaço escolar, bem como nas influências por parte dos cidadãos que residem próximos a escola. Essa relação de troca, suplementa e adiciona a discussão sobre a importância da interação escola x comunidade. Com isso, atestamos que o lugar de vida dos estudantes, como referencial de valorização de suas identidades, foi aprimorado e potencialmente discutido, revelando que a prática pedagógica gerou resultados contundentes.

Palavras-chave: Geografia Escolar, Atividades Interdisciplinares, Pertencimento.

Introdução

Dentro do processo de preparação, dos cursos que formam docentes, um dos principais e mais importantes momentos dessas empreitadas se caracterizam pelo início dos estágios em escolas. Tal prática busca unir a teoria aplicada em sala de aula dos cursos de licenciatura,

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. Artigo decorrente das experiências pela disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I. Bolsista do Programa de Educação Tutorial MEC/SESu.



baseados em textos e materiais sobre o processo de ensino e aprendizagem pedagógico, em sua maioria voltados sobre a educação e a função docente em si. Com a prática, que é vivenciada por períodos em escolas, sendo períodos esses, preenchidos através de observações, análises, e intervenções no espaço escolar, de modo a influenciar no cotidiano dos alunos, trazendo maior dinamismo no dia a dia dos mesmos, a construção do profissional docente é inicialmente desenvolvida.

Nos estágios supervisionados colocamos as teorias em prática. Ao voltarmos à sala, nas aulas de Prática de Ensino, analisamos as experiências adquiridas à luz das teorias. O que ocorre é a articulação teoria/prática e prática/teoria. Essa construção relacional é infinita, e quanto mais nos debruçamos sobre a teoria, mais nossa prática pode ser melhorada; quanto mais analisamos as práticas, mais fundamentos podemos identificar, e a necessidade de busca pelo conhecimento fica instalada. (SAIKI, GODOI, 2010, p. 27)

O Estágio Supervisionado, voltado a formação de professores, elucida bem essa relação entre teoria e prática, conjecturando que uma prática bem realizada, só pode obter sucesso, com teorias respaldadas e fundamentadas em conhecimentos *a priori*. Dada essa relação intrínseca, as potencialidades que podem ser abordadas no ensino se mesclam com as experiências profissionais, trazendo a luz, novas metodologias pedagógicas.

Além desse processo relacional, a pesquisa também se enquadra no Estágio Supervisionado, a pesquisa é de fundamental importância na construção do professor em formação. A noção do professor-pesquisador, nasce na medida em que no estágio, essa ação já acontece, pois essa é a finalidade da presente atividade. Nesse sentido, cabe salientar que segundo Pimenta e Lima (2010, pág. 228) “a realização do estágio em forma de projetos desenvolve uma atitude de autonomia e criatividade dos estagiários, uma vez que possibilita a descoberta de espaços de intervenção significativa para sua formação e para a das escolas”. Com isso exposto, entende-se que na realidade, para a construção de um bom educador, é necessário também a construção de um bom pesquisador, que saiba analisar e compreender o espaço que se insere, e que possa transformá-lo. Nesse sentido, conclui-se que o estágio enquanto formação de futuros docentes em suas práticas educativas é de fundamental importância para que a teoria e a prática se unam, e se mesclem na finalização de um trabalho mais significativo tanto para o pesquisador, quanto para os alunos da escola, pois segundo Moura-Fé; Nascimento; Soares (2017) “os alunos, além de pertencer (e se pertencer) ao meio, precisam se identificar com o meio, de modo que o seu eu não se desvirtua, e seja coagido com

outras realidades”. A importância de um estágio com significação, e que não seja apenas da contribuição da ciência pela ciência, mas ciência pela utilidade, pelo retorno social, se faz necessária na medida em que o professor, enquanto condicionador de transformações da realidade, é responsável por gerar nos alunos, perspectivas também, de mudanças. Mudanças essas, que muitas vezes, iniciam-se pela própria aceitação do estudante em sua condição social.

As turmas acompanhadas foram duas de 8º ano (turmas A e B) e duas de 9º ano (turmas A e B) do ensino fundamental, compreendendo suas particularidades. O presente trabalho busca responder algumas questões pertinentes e muito conhecidas do ambiente escolar. Principalmente relacionadas ao papel do aluno na construção desse ambiente, e de como essa influência é mútua. Relacionada mais especificamente a geografia, quais as práticas culturais que ocorrem na escola ou próxima a ela, e como a Geografia escolar se beneficia ou participa de algumas dessas práticas, assim como entender como é a relação da cultura de pertencimento e construções de identidades das classes sociais circundantes, sob o ponto de vista da cultura negra, mais especificamente.

Materiais e métodos

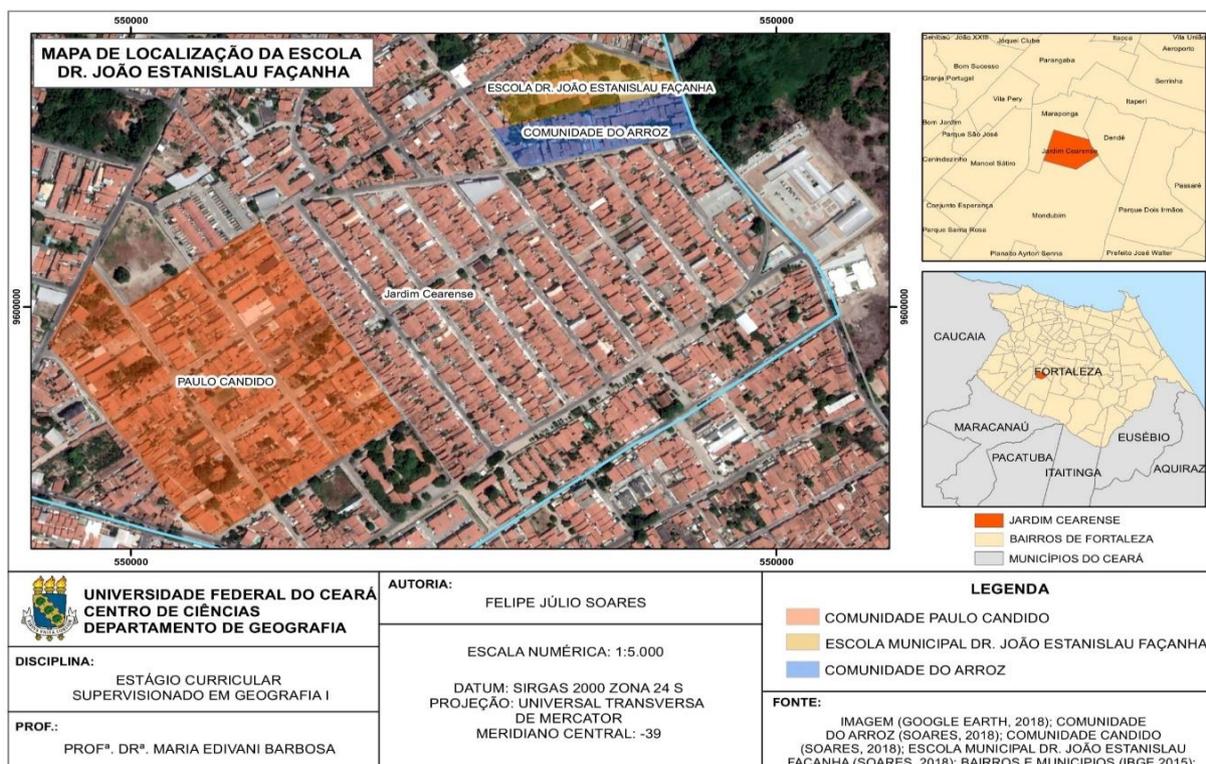
Na construção da pesquisa, e no desenvolvimento da prática de participação, aqui entendida enquanto atuação, a pesquisa bibliográfica específica, o conhecimento da realidade escolar e de seu entorno foram relevantes para o início do estágio. Dessa maneira, contextualizando aquilo que se analisa em teoria, aplicando modelos ou técnicas para o que de fato, se observa na prática. Com a observação em sala de aula, das aulas do professor supervisor, sua didática e metodologias, bem como a interação dos alunos, suas relações pessoais e entendimentos sobre questões sociais de suas realidades, puderam ser traçados planejamentos de como participar e interagir naquele ambiente. Junto a esse planejamento básico, pautado na observação do ambiente escolar e suas minúcias, questionários, entrevistas e rodas de conversa foram realizados com o objetivo de compreender melhor como os alunos se enxergavam dentro do espaço escolar enquanto estudantes. Como se enxergavam perante a sociedade, e como todas essas influências atuam na escola, evidenciando o papel que as práticas culturais realizadas auxiliam na compreensão de todo esse universo de características diferentes. A participação na sala de aula, buscando a interdisciplinaridade com outros ramos da Ciência, também foi significativo, e dessa forma, pode complementar o conhecimento geográfico dos estudantes. O



entendimento quanto as questões sociais, propiciaram a realização de uma atividade interdisciplinar com as Artes, onde com materiais básicos, reciclados, os alunos realizaram uma colagem relacionando aspectos afetivos (personalidade), com suas aparências, biotipos. Essa atividade prática, foi realizada com o uso de cola, papelão, papéis, e canetinhas, e gerou um produto bem interessante, relacionado a temática do referido trabalho.

Vivência no Estágio

A vivência no ambiente escolar, foi concretizada tomando como objetivos, a observação e a participação em algumas de suas atividades. Nesse sentido, o papel enquanto estagiário, se resignou a análise do espaço, contextualização da escola com seu entorno, e integração com os sujeitos que constroem aquele espaço: estudantes, professores, gestores, funcionários, pais, etc. Inicialmente, a experiência foi baseada no entendimento acerca da realidade escolar. Essa escola, assim como muitas outras em Fortaleza, possui um déficit estrutural, no sentido de infraestrutura de base, e de materiais, muito significativos. Por muitas vezes durante a vivência no estágio, faltava papel, pincéis, canetinhas, e outros materiais escolares básicos, e devido a isso, muitos problemas das mais variadas naturezas são recorrentes.



Fonte: Soares (2018)

Além desse aspecto deficitário, a escola atende a muitos alunos do bairro, com seu raio de influência sendo bem significativo, e devido a isso, as salas de aula são sempre numerosas, com turmas lotadas de alunos. Comunidades carentes que estão próximas da escola, usufruem de seus serviços, como a quadra de esportes nos fins de semana. Porém, mesmo com tais problemas, iniciativas individuais de professores e moradores do entorno, estão amenizando conflitos, sugerindo mudanças nos moldes tradicionais de ensino, de relações identitárias, e conscientizações sociais. (CONCEIÇÃO, 2018)

O professor de capoeira, conhecido como “Apache”, realiza na escola, aulas dessa arte marcial brasileira com origens no continente africano. Na escola Façanha, ele ministra suas aulas no período da tarde nas terças, quartas e quintas, para as turmas de 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental. Os alunos que desejam frequentar a capoeira, que acontece na quadra de esportes, assinam um termo e durante o fim da segunda aula da tarde (25 minutos), e um pequeno período de tempo do intervalo (5 minutos), podem assistir a teoria, e a prática do básico sobre a capoeira. Nesse primeiro contato na escola, os alunos aprendem sobre a luta histórica dos negros nos engenhos nordestinos contra a colonização portuguesa, a história negra no Brasil colonial, os fundamentos da capoeira, a ética marcial, e um pouco dos movimentos primordiais.



Fonte: Botelho (2011)



Segundo o professor e mestre Apache, “os alunos têm a oportunidade de aprender algo que está fora da realidade normal deles, e quem se interessar, e quiser, pode frequentar mais aulas e começar um futuro dentro da capoeira”. No bairro, o professor realiza suas aulas aos sábados na pracinha próxima a escola, no período da manhã, aberta a comunidade, poucas pessoas o procuram, sendo o principal público, alunos, as crianças e jovens da própria escola, que buscam melhorarem nesse esporte, dança e arte marcial. Esse trabalho contínuo, reverbera na visão que os alunos tem, sobre culturas marginalizadas, quebrando estereótipos e consertado estigmas enraizados.

Dando continuidade aos “aulões” realizados na escola, alguns músicos do bairro, mais especificamente os professores de violão, flauta e bateria, ofertam aulas gratuitas em suas casas para os alunos que se interessam pela música, basta que possuam o instrumento e estejam dispostos a aprenderem essa arte. Segundo um dos professores, “não são tantas pessoas que se interessam por essa possibilidade, porém os que vem e tentam, aprendem de maneira muito rápida e com qualidade”. No começo do ano de 2018, alguns músicos realizaram uma apresentação para alunos, pais e professores. Esses músicos foram todos alunos que aprenderam quase do zero, a tocar instrumentos, tudo devido a essa iniciativa musical que procura inserir um universo de possibilidades aos alunos da rede municipal de ensino. A sociedade, principalmente no papel de certos atores sociais (indivíduos que se solidarizam), acabam por influenciar a escola, pois na nascida necessidade de práticas culturais que instigassem os alunos a uma mudança em suas realidades cotidianas, auxiliaram na criação de práticas que mudaram também, o cotidiano escolar. Essas práticas, unidas a uma ideologia de ensino para a democracia e a civilidade propiciam o surgimento de cidadãos que no futuro, podem agir em prol do bem comum. Pequenas atitudes como a dos profissionais citados, mesmo que de certa forma, tímidas, auxiliam no entendimento de novas possibilidades de identidades culturais. É necessário despertar essas possibilidades, como a dança mesclada a luta, através da capoeira, e a música, através do grupo musical escolar. E essas identidades são relevadas, e talvez, assimiladas por alunos que se propõe a mantê-las e preservá-las, disseminando em suas casas e locais de vivência.

Cultura de Pertencimento

Sob a ótica de um ensino voltado ao esclarecimento, apontamentos podem ser tecidos para a construção do conhecimento no ambiente escolar de maneira confluyente, envolvendo

docentes e estudantes, de modo a significar os objetivos alcançados, e dessa maneira, fazendo relacionar esses novos conhecimentos, com a realidade da escola e dos alunos. No que diz respeito a essa significação, Oliveira (2009) diz que:

O processo de signação percorre uma compreensão interpretativa, mas também indica para este momento a possibilidade de uma compreensão interativa. Em outras palavras, podemos afirmar que a **signação** busca uma **significação**. Ou, para ser mais técnico, busca a profunda reflexão sobre o ensino que demonstra uma resposta as suas conclusões. (OLIVEIRA, 2009, pág. 56)

As aulas do professor supervisor são sempre dinâmicas e buscam retratar os conceitos geográficos, na realidade dos alunos. Observando suas abordagens teóricas, nota-se que a possibilidade de se estabelecer um diálogo entre o livro didático, o ensino de geografia, e a temática identitária de pertencimento é plausível e de fato, ocorre (SCHAFFER, 1988; KAERCHER 1996; PIMENTEL e VILARINHO, 2017). Atividades como debates, rodas de conversas, pesquisas, e questões do livro didático são propostas, quase sempre atentando-se a temáticas de cunho social na cidade de Fortaleza. Em uma das atividades, cujo o tema central era os fluxos migratórios, o referido professor de geografia fez a contextualização do que estava no material didático, a migração em massa de africanos para os países europeus, e relacionou com a migração ocorrida nos séculos 19 e 20 no Ceará, dos migrantes fugidos da seca das cidades interioranas para a capital. Posteriormente, nessa mesma atividade, pediu para que os alunos falassem sobre as origens de suas famílias, e obteve como resposta um vigoroso debate sobre os fluxos e as diferentes origens que muitos possuíam. Alguns até mesmo descobriram que seus pais vieram da mesma cidade, e isso estreitou os laços de amizade entre colegas de classe. Essas possibilidades de descobrimento geram melhorias não apenas no ambiente relacional, mas no de respeito e de consciência também. (SAHR, 2008) Esse mesmo professor, no ano anterior, propôs e instigou que nos dias da consciência negra, e no dia do índio, em 2018, mais que danças fossem realizadas para homenagear esses povos fundadores da pátria, mas que houvesse uma feira cultural apresentando as nações africanas e indígenas, ressaltando as particularidades de cada um. Essa atividade contou com a presença de muitos pais que puderam observar como a mídia “padroniza” esses povos tão singulares entre si, os colocando como se fossem uma só massa homogênea. (CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2000)

Muitos alunos, após o contato com essas atividades geográficas, começaram a se perceber como partes integrantes de certos grupos sociais. Essa identificação só ocorreu devido ao contato e ao esclarecimento de dúvidas e a exposição de informações que o auxiliaram nesse processo de descobrimento cultural. Nas entrevistas, muitos alunos relataram compreender e se identificar como negros, não apenas por causa da possibilidade de entrar na universidade pelas cotas (muitos falaram isso), mas também pelo fato de se sentirem pertencentes a esse grupo étnico, suas matrizes, tradições e culturas. Essa constatação se deu a partir do fato de que segundo o Plano Político Pedagógico (PPP), cerca de 70% dos alunos atendidos e matriculados na escola são de origem negra, porém suas famílias não se reconheceram como tal. E mesmo com os esforços de alguns professores, e das aulas de capoeira, por exemplo, a maior parte não se vê como negros e negras devido ao estereótipo e ao preconceito racial da sociedade. Na construção da atividade interdisciplinar com o professor de Artes, e posteriormente sua realização, configurando a realização da intervenção do estágio, muitos aspectos identitários dos alunos afloraram. No planejamento, esperava-se que as respostas dos alunos quanto as perguntas sobre: Como você se enxerga? Com que personagem da ficção se identifica? E qual a palavra positiva do dia? fossem descontextualizadas, e/ou vagas, porém o resultado se provou o contrário, e que de fato, ao acionar e instiga-los a se verem enquanto pertencentes a determinado segmento, ou classe social, muitos dos estudantes se posicionaram e descreveram com vigor, suas aspirações. Com isso, observamos que a atuação trouxe formas de empoderamento aos alunos, e suas noções de mundo puderam ser ampliadas.



Essa intervenção, planejada inicialmente como forma de debate, foi modificada para uma atividade concreta de resultados físicos, e repercutiu posteriormente em uma semana cultural na escola, com a temática do papel das culturas marginalizadas, na sociedade. Esse evento realizado no fim do ano, cerca de seis meses após o fim do estágio, nasceu como uma ideia do professor de Artes em conjunto com o professor supervisor de Geografia, durante a confecção e debates sobre a intervenção no estágio, elucidando assim, a importância e relevância de práticas conscientes e confluentes de educação.

O professor enquanto formador de opiniões, e mediador das informações, principalmente o de geografia, pode auxiliar nesse processo de descoberta por parte dos alunos no ensino fundamental. Com essas práticas, observa-se que ser professor é mais do que simplesmente repassar conhecimentos, segundo a ideologia tradicional do ensino, mas propiciar aos alunos que também possam construir seus conhecimentos e experiências de vida. (Freire, 1996)

Essa possibilidade de intervenção, atuando de maneira crítica, consciente, interdisciplinar, e com certo protagonismo, evidencia a importância das práticas de estágio nos cursos de licenciatura das IES. A construção do profissional docente se faz com o contato das mais diferentes experiências. Levando em consideração a ciência geográfica, esse conceito se abrange e se torna ainda mais forte, na medida em que no ensino de Geografia, se faz necessário que o espaço de conhecimentos seja também, espaço de experimentações. (CALLAI, 2003).

Considerações finais

Durante a vivência no estágio, a percepção dos alunos sobre a realidade em que vivem, foi modificada, no sentido de estarem mais atentos e críticos a realidade, que oferece oportunidades, mas ao mesmo tempo os cerceia e condiciona. Essa nova perspectiva apresentada pela participação em sala de aula, a vivência do espaço escolar, e a intervenção voltada a uma atividade interdisciplinar entre as Artes e a Geografia, projetou nos alunos, alicerces que os fizeram repensar seus papéis enquanto cidadãos atuantes. O passo inicial foi a intervenção planejada, mediando conhecimentos geográficos com conhecimentos artísticos.

Nesse sentido, é importante destacar que através dos resultados obtidos pelas entrevistas e questionários, o panorama de grande parte dos estudantes, sobre a relação de



pertencimento com seus locais de morada, mudou significativamente. Suas relações com o espaço de atividades cotidianas, de suas realidades diárias, os fizeram repensar de forma quase afetiva, o lugar em que vivem e se desenvolvem. Dessa maneira, as práticas e participações realizadas em sala, concluíram seu propósito. Pois os conceitos geográficos puderam se adequar as realidades dos estudantes. Da mesma maneira, as ações sociais que aconteciam dentro e fora da escola, ampliaram seu raio de ação, ao ponto de novas tipologias culturais adentrarem no espaço escolar, e atividades da escola voltaram a alcançar a comunidade. A Feira Cultural que desde 2012 não era realizada, voltou a programação da escola, no período do fim do ano de 2018, trazendo como temática, a riqueza da cultura negra brasileira.

Dessa forma, observamos que ações individuais, sejam elas de professores, indivíduos da sociedade como membros comunitários, ou mesmo estagiários em escolas, podem resultar em trabalhos relevantes e diversificados para o ambiente escolar, mas a possibilidade de integração das ciências, levando em consideração o potencial da interdisciplinaridade na educação, e voltadas para um ensino libertador e crítico, podem gerar resultados ainda mais significativos e duradouros para não apenas a escola, mas a sociedade como um todo.

Referências bibliográficas

CALLAI, Helena C. O estudo do lugar e a pesquisa como ensino da aprendizagem. In. **Espaços da escola**. N° 47, mar. 2003.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 352 p.

CONCEIÇÃO, Gislene Angélica. IDENTIDADE CULTURAL E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO. **Revista Signos**, São Paulo, v. 39, n. 1, p.104-125, 23 jul. 2018. Editora Univates. <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v39i1a2018.1846>. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/1846>> Acesso em: 29 março 2019.

FREIRE, Paulo Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: **Paz e Terra**, 1996. – (Coleção Leitura)

KAERCHER, Nestor André. A Geografia é nosso dia a dia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p.109-116, ago. 1996. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38639>> Acesso em: 27 março 2019.



MOURA-FÉ, Marcelo Martins de; NASCIMENTO, Raquel Landim; SOARES, Luana do Nascimento. Geoeducação: princípios teóricos e bases legais. Os Desafios da Geografia Física na Fronteira do Conhecimento, [s.l.], p.3054-3065, 2017. INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS – UNICAMP. 2011.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Sentidos da Geografia Escolar**. Fortaleza: Edições Ufc, 2009. 222 p.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. 6. ed. São Paulo: **Cortez**, 2010. 279 p.

SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno de. A prática de ensino e o estágio supervisionado. In: PASSINI, Elza Yasuko. Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado. 2.ed. São Paulo: **Contexto**, 2010. p.26-31.

SCHÄFFER, Neiva Otero. O livro didático e o desempenho pedagógico: anotações de apoio à escolha do livro texto. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 16, p.3-16, out. 1988. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37977/24472>> Acesso em: 27 março 2019.

SAHR, Wolf Dietrich. Ação e Espaço Mundos - a concretização de espacialidade na geografia cultural. In: SERPA, Ângelo. Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações. São Paulo: **Edufba**, 2008. p. 37-57.

VILARINHO, Lúcia Regina Goulart; PIMENTEL, Sandra Regina Gonçalves. A escolha do livro didático: um instrumento de apoio ao corpo docente do ensino fundamental. **Revista de Gestão e Avaliação Educacional**, Santa Maria, p.37-52, 3 ago. 2017. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/regae/article/view/26738>> Acesso em: 27 março 2019.